



JÃO VESTIDO À CORTE — EM TRAJO GUERREIRO.

Os NATURAES de Java (*) pertencem á raça malaia, mui espalhada na Asia. São robustos, e regularmente bem feitos de corpo, ainda que na estatura um tanto mais baixos que a mediana altura dos europeus. Tem o rosto redondo, a boca rasgada, os beiços grossos; e não teriam máus dentes se não fosse a absurda pratica de os ennegrecer, e o máu habito de mascar o betel, como alguns marujos mascam o tabaco em folha: nariz proporcionado, olhos pequenos e pretos, cabello comprido, mas aspero, e igualmente preto, a tez cõr de cobre, porem mais desmaiada que nos outros malaios; a physionomia é tranquilla e pensativa, todavia exprime facilmente as varias paixões e affectos d'alma. Tem o costume funesto e ridiculo [que infelizmente não é só delles] de comprimir a cintura o mais que podem. São de condição vingativa quando offendidos, porem fóra disso acolhem bem os estrangeiros; e até a gente de inferior classe mostra em seus modos cortezia e garbo. Nas provincias dominadas pelos hollandezes tem adoptado muitos habitos e tambem a mobilia que usámos na Europa: não assim nas povoações do interior da ilha, ou regidas por seus naturaes soberanos. Como professam o mahometismo, abstem-se de carne suína, e em geral, ou pelo me-

nos em publico, das bebidas embriagantes; alimentam-se de ignarias simplices; não se servem de meza nem cadeiras, e a sua louça consta de grandes pratos de metal ou de páu, e de outros menores de porçolana. Comem sentados e de pernas cruzadas, e como todos os seus coreligionarios do islamismo só empregam a mão direita para levar a comida á boca, o que de ordinario fazem tomando-a entre o index e o pollegar e atirando com ella á moda dos chinas: são como estes grandes consumidores d'arroz, ovos, doces, e varias golosinas, a que dão tintura com açafão e outras drogas; comtudo gastam muito das carnes não prohibidas por sua lei, e tambem peixes e aves caseiras, de que são abastados. A sua crença dominante, como dissemos, é a do alcorão que receberam ha mais de quatro seculos, porem misturada com praticas supersticiosas da religião gentilica de seus antepassados, que em grande parte conformava com as doutrinas e ceremonias do budhismo. Fallam-se na ilha tres differentes dialectos malaios, mas ha tambem uma lingua sacra mui antiga chamada koví, que contém infinitude de palavras sanscritas. A sua litteratura nacional é limitadissima; e possuem alem disso algumas translações das linguagens sanscrita e arabe, sendo as desta ultima poucas e sómente sobre materias religiosas ou de jurisprudencia. Não obstan-

(*) Vid. a noticia desta ilha a pag. 57 do presente volume.

te isto a civilisação dos jáos é muito superior á de todos os povos que habitam o archipelago da Sonda, como se evidencêa pelo estado de sua agricultura, ainda que não se possa comparar com a dos chins e dos habitantes da península indica. São muito expertos na industria da pesca, e tem a mania de não comer o seu pescado em fresco, mas só depois de bem salgado, ou secco ao fumeiro. Na construcção de seus barcos, de que ha muita variedade, manifestam bastante arte, assim como no fabrico da baixella que usam. O povo manufactura panno grosseiro de que se veste, e os ricos trajam sêda, que lhe vem da China em rama e é depois tecida na ilha.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

Revelação.

9.º

E AINDA que seja violando alguma das unidades aristotelicas — que não será esta a primeira vez nem a ultima que as offendamos — deixaremos o bando militar voltar para Burgos, e o conde cumprir o triduo votivo da romagem—tão religiosamente que nem o jejum a pão e agua será omittido — e vamos, porque é forçoso, ao palacio de Azzahrat; jornada, cuja frequencia se nos não deve estranhar, visto que, se entre Burgos e Cordova ha a distancia material das leguas, e a distancia moral, ainda maior, de dois cultos e nações differentes; ha tambem uma certa visinbança de rivalidades e odios que se vigiam de perto e se espreitam dia e noite; ha um pensamento de amor, e um pensamento de destruição; vivo e tenaz o primeiro, porque se ateou no segredo e na solidão do harem; vivo e tenaz o segundo, porque se gerou na politica, porque fermenta com a ambição, porque se arreiga nos sentimentos religiosos, porque de um lado se está inflammando com o desar, e do outro com a victoria. E estes dois pensamentos giram continuamente entre dois polos oppostos, entre as capitaes dos dois imperios, com maior velocidade do que as almenaras que os atalayas accendem, do que o grito dos *muezins* bradado do alto dos minaretes por todas as povoações de adoradores do islam.

— Que horriveis novas me annunciam hoje estes espelhos! [*Era Azzahrat, consultando os espelhos metallicos do seu camarim secreto e encantado, que assim fallava*]. Vejo voltar figuras ensanguentadas. Scenas de morte. Onde se passarão ellas? Quem serão as victimas? Meu Deus! nesta incerteza o coração se me aperta de angustia. Ha bem poucos dias, ainda hontem morava nesta alma a felicidade; pelo menos a esperança. Tinha conseguido revelar ao conde em sonhos a minha affeição; tinha eu até sonhado com elle; tinha-me o reflexo magico destes espelhos retratado o combate de Osma. Vi o nobre cavalleiro pelejando com o denodo de um heroe. Vi-lhe cruzar a espada com o alfange de al Mudhafar. Vi descer o golpe tremendo sobre a cabeça do general do calipha, e não pude ter-me que não gritasse: *victoria! victoria!* Nesse momento esqueci-me da bemaventurança e do paraíso, da arvore da felicidade e de seus fructos deliciosos, do rio de

leite e mel que o propheta promette aos *múmenes*. (*) Esqueci-me do monstro de Safa, e da palavra de execração que póde inscrever-me nesta fronte. Esqueci-me dos demonios negros, Mukir e Nakir, que hão de interrogar o meu cadaver no tumulo. Deslembrei-me de que este pobre corpo hade, conforme forem as minhas palavras e tiverem sido as obras, ou ser bafejado das auras do céu, ou padecer tormentos insupportaveis até á resurreição geral. Apaguei da memoria Israfil, que hade tocar a trombeta final, e Gabriel, o anjo das revelações, que hade pezar em balança escrupulosa e severa os merecimentos — antes os peccados — desta pobre alma! Tudo, tudo, senhor, esqueci pelo amor de um homem! E não me arrependo de o ter feito, nem de ter sido blasphema no meu delirio. Ainda maiores sacrificios offerecera ao idolo dos meus pensamentos!

. . . . Mas que horror! [*olhando para os espelhos*]. Que de sangue alli vejo! Quem serão aquellas victimas? São victimas de vingança abominavel—são! que o não posso duvidar. Por piedade, meu Deus, affasta-me dos olhos aquelle quadro; e faze, misericordioso Allah, que a vida de um heroe, que é infiel, mas valente e generoso como a mais nobre das creaturas, não pereça n'um trama negro de atrocidade! Que se as tuas iras, Senhor, precisam de uma victima, aqui estou eu, sacia-as todas sobre a minha cabeça, corta a teia debil desta existencia; mas poupa, humildemente t'o peço, poupa o homem caro ao meu coração.

Meu Deus, lá ferem; [*tornando a olhar para os espelhos*] lá assassina cruelmente aquelle homem inerme. Senhor, protege o infeliz, acude por piedade, suspende o alfange implacavel daquelle algoz!

E quem será o algoz? Occorre-me uma suspeita infernal. Se podesse saber com certeza que abd el Rahman. com um punhal lhe traspasaria o peito. com esta boca em que me elle tem sussurrado tantos sons apaixonados lhe diria eu = *maldição!* = e lhe bebera, saboreada, trago a trago o sangue infame! Mas alli está a estatua do calipha: vou interroga-la: talvez assim possa aclarar este mysterio d'iniquidade. — Earrebata de cima d'uma meza um punhal damasquino que nella estava, com uma tocha na mão se dirigiu apressadamente ao primeiro camarim, onde se achava a estatua; e, ao entrar, roçando casualmente com a ponta do punhal em uma cornelina (:?) que trazia ao peito, ouviu-se um estrepito semelhante ao do trovão, fuzilou uma facha luminosa em todo o quarto, espalhou-se por elle uma nuvem azulada, e como descendo della librado em azas radiosas appareceu diante de Azzahrat um genio do ar.

— Que me queres? [*disse o genio para Azzahrat, sobresaltada de lhe este apparecer sem ella, como cuidava, o ter chamado com o toque magico da cornelina*].

— Não te chamei [*lhe respondeu Azzahrat*].

— Fizeste-me o signal costumado [*lhe replicou o genio*]; mas ou sem querer o fizeste, ou em teu delirio o esqueceste.

(*) Azzahrat está fallando segundo as doutrinas do Korão, ou segundo *Paquis* que as resume na historia de Hespanha, tom 2.º cap. 14.

(:?) Segundo a arte cabalistica a cornelina é a pedra sympathica de Venus.

— Não me lembra de o ter feito [lhe tornou a sultana]; mas já que vieste, dize-me [caminhando para os espelhos, e apontando para elles], quem são aquellas victimas? que mão execravel, e em que logar, está derramando aquelle sangue?

— Não posso dizer-to, sem que accedas ao que tantas vezes te tenho pedido.

— Impossivel! [replicou Azzahrat]. A minha alma pertence ao conde de Castella.

— Pois adeus, mulher rebelde!

— Espera.

— Não.

— Sim.

— Esperarei.

— Escuta [lhe disse Azzahrat]. essencia sublime e immortal, que podes tu desejar desta fraca creatura? amor? Não o accedas senão puro e sem partilha, e assim não posso sacrificar-to. Este coração não é livre. Apieda-te, ó genio, dos tormentos que elle padece. Livra-o do martyrio da incerteza. Dize, dize — quem são aquellas victimas, onde se derrama aquelle sangue?...

— Mulher! mulher! [lhe tornou o genio]. A natureza formou-te tão bella que ainda aos mais nobres espiritos poderas tu fascinar; por que fado sympathisei eu contigo que me não podes amar? Doem-me as penas que te angustiam. Sou generoso, porque as paixões do egoismo e da inveja, tão mesquinhas como cabem nas creaturas de ordem inferior, não podem compadecer-se na jerarchia dos seres a que estou elevado. Mas não me é licito revelar-te o que desejas.

— Por piedade dize, dize ao menos que a vida do conde de Castella não está em perigo.

— Não posso.

— Dize, imploro-te! Tem dó do meu pobre coração: dize se elle é uma daquellas victimas, se aquelle sangue é seu.

— Não posso.

— Cruel, tyranno, assassino de uma fraca e debil mulher! E apparentavas de generoso! Hypocrita e vingativo é o que tu és! Vingas-te de não ser correspondido por quem não podia amar-te: pois sabe agora que és desprezado, e que o serias ainda que eu recobrasse o meu alvedrio. És tu, és tu — e em vão o occultas — o aleivoso assassino do homem que amo.

— Menos isso, mulher, menos isso! O delirio faz-te injusta, atrozmente injusta comigo. A paixão cega-te de todo. Juro pelo brilhantismo da luz, pela pureza do ar, pela sublimidade dos numes, e pela gloria dos céus que me calumnias. Nem a ordem elevada dos espiritos superiores, cujo membro sou, comporta paixões tão vis como essas que me imputas; nem... Vedado me é dizer mais; e a minha lingua não romperá este sello mysterioso...

— Ó genio! perdoa á minha insanias; e já que és tão superior ás paixões da fraca humanidade, sê indulgente para com ellas, indulgente para comigo. Calumniei-te; confesso. Eras incapaz de manchar-te n'um assassinio abominoso. Mas, ó ente sublime, visto que os affectos mais doces do coração te não são estranhos, não andes ás rebatinhas com a minha dôr; sê piedoso para com esta mulher desgraçada; dize, dize ao menos se aquella scena se está passando em Burgos.

— Em Burgos não; mas mui perto. É quanto posso dizer.

— Dize, dize sómente isto: o conde de Castella está salvo?

— Mulher, mulher tão formosa, e mais seductora ainda nas agonias da dôr, tu despenharias o anjo que podesse contemplar-te cercada de taes encantos como te eu estou vendo! Mulher perigosa, e incomparavel, receio o poder das tuas fascinações. Prudencia é o fugir de ti. Fugirei.

— Não, não, ó genio! não te vás! Espera. Tira-me desta incerteza, peor que a morte. Levanta-me de cima do peito esta montanha de ferro que o esmaga; e quanto não fôr profanação dos meus sentimentos ou dos meus deveres te concederei.

— Sabes tu o que proferiste?

— Sei.

— Pois eu vou fugir de ti.

— Não.

— Sim.

— Dá-me antes a morte, do que deixar-me nesta horrivel duvida.

— A morte! E a mim o propões tu, que te offereci mais que a vida — a immortalidade! Modera um tanto a tua dôr, e espera do tempo a solução do enigma que te afflige.

— Allivio á minha dôr heide por certo encontrarlo em algum destes remedios — no punhal, ou no veneno; e a solução deste enigma luctuoso, lá do tumulo a esperarei.

— Mulher, que disseste tu! Estremecem-me de horror essas palavras sinistras! A que excessos te vaes arrojar! Deixa ao ser supremo, que te dispensou a vida, cortar-te a trama, quando lhe aprouver. Poupa á tua alma um crime nefando, á tua memoria um labéo, e ao meu coração, se contigo valho alguma cousa, um golpe cruel, e uma saudade inextinguivel. » Apenas o genio tinha acabado, Azzahrat tirou subitamente do dedo um anel de ouro, abriu-o, e mostrando-lh'o, lhe disse:

— Aqui dentro deste anel está o veneno mais subtil que se conhece: se os meus labios o tocarem, poucos minutos depois, Azzahrat será um cadaver. Escolhe: ou a mulher ou o cadaver; ou o remorso de assassino, ou o braço de salvador.

— Foi a astucia da serpente, ou o engenho do amor que te suggeriu, mulher, esse lance desesperado. Venceste. E agora lembra-te acaso a tua promessa? »

Azzahrat inclinou meigamente a face para o genio, e este lhe imprimiu um osculo. E depois disse para ella:

— Agora chegou o meu turno. A minha lingua vai quebrar o sello vedado. Potestades celestias, perdoai-me! Ouve, Azzahrat, ouve, e exulta: o conde de Castella está salvo!

A estas palavras seguiu-se um rugido espantoso. Tremeu o palacio nos seus fundamentos. Uma luz vaga e sinistra serpejou por todo o aposento, e a das tochas que ardiam se sumiu. Larvas ominosas e horrendas esvoaçaram pelo camarim. O genio desapareceu. E Azzahrat cahiu sobre um coxim, e ficou assim toda a noite n'uma dessas situações indefinidas que não era somno, porque não dormia; que não era sonho, porque não sonhava; nem somnambulismo, porque as suas potencias internas estavam sem movimento; que não era vigilia, porque não estava acordada; que não era vida, porque os sentidos jaziam-lhe em torpor — não via, não ouvia, não sentia; e não era morte, porque o pulso batia-lhe, o seio — tão donoso! — arfava-lhe, os olhos scintillavam-lhe com extraordinario fulgor, a aura suavissima do seu respirar se agitava exhalando-se em perfumes, a rosa tingia-lhe as faces, e o

sorrir angelico estava cinzelado naquelles labios com a mesma expressão que a animava nos instantes mais ditosos. Mas á roda desta creatura encantadora toda a noite se sentiu um ruido como de ferros que se arrastavam: viram-se phantasmas lobregos, e espectros medonhos volteando: ouviram-se gritos funebres de aves agoureiras, e gemidos lastimosos como de almas penando em transe; até que as sombras da noite se foram escondendo, as visões manso e manso esvaecendo, o rugido e os lamentos socegando. A aurora vinha nascendo. Então os rouxinoes do jardim e da floresta a saudaram com alegres harmonias; e um raio do sol que assomava no horisonte, penetrando pela janella do camarim, veio bater sobre o rosto de Azzahrat, que acordando, soltou um suspiro, ergueu os olhos, e o primeiro objecto que elles toparam foi um letreiro, que estava nos espelhos metallicos, e dizia: *o conde de Castella está salvo!*

(Continuar-se-ha).
A. d'O. Marreca.



A RAPOZA.

AS LEBRES e coelhos, as perdizes e codornizes e em geral toda a caça miuda, assim como as aves caseiras, não tem inimigo mais accerrimo e mais para temer que a raposa; e não obstante a ligeireza dos pés ou a rapidez do vôo, uns e outros cabem nos dentes da gulosa, quer ella accommetta á viva força, quer os saltêe d'emboscada: é por tanto de rigorosa justiça que seja por toda a parte perseguido ladrão por tal forma carniceiro e tão damninho. Todavia não é só por espirito de vingança, e para lhe fazer expiar as rapinas, que o homem dá caça á raposa, ainda que para isso tinha fundamentos no estrago que ella faz na outra caça e no das capoeiras e pombaes, que custam despezas e cuidados; a principal rasão é o prazer que resulta daquelle exercicio pela difficuldade de colher animal tão sagaz e ladino como o de que tratámos, que sempre teve fama constante e bem merecida de refinado manhoso. Esopo e quantos o imitaram, todas as vezes que pertenderam pôr em scena um velhaco astuto e embaidor, escolheram o raposo para representa-lo: exemplo [d'entre infinitos] será a fábula 2.^a de Lafontaine [traducção do P.^o Nascimento].

O raposo e o corvo.

A Ambrosio (*) corvo, empoleirado n'arvore
Com um queijo no bico,

(*) Depois que Lafontaine baptizou o coelho *Jean Lapin*, ficou-me o jus de chamar ao corvo *Ambrosio* e ao raposo *Gil*. — N. do Tr.

Gil raposo, que mui lampeiro acode
Ao faro, quasi quasi que assim falla:

— «Bons dias, senhor corvo,

Como é guapo! Que lindo me parece!

Bofé, se a voz tem garbo igual ás plumas

Não ha hi phenix tal nestas devezas.» —

Não cabe em si de gaudio, ao logro, o corvo.

Abre de par em par o bico; — e cahe o queijo:

Logo o raposo o empolga.

— «Aprenda [assim lhe diz] meu senhorzinho,

Que todo o lisongeiro

Vive á custa de quem lhe dá ouvidos.

Certo que esta lição bem vale um queijo!» —

Triste e torvado o corvo

Jurou [mas tarde!] não cabir mais n'outra.

Nas pequenas villas e aldeias do nosso reino, o que matou lobo, não contente do premio de 4\$000 r.^o pago pela camara, vai com a fera morta atravessada sobre um jumento pedir pelos casaes e granjas dos lavradores, e não perde as passadas porque recolhe alguns tostões: assim o que matou uma raposa dá um giro pela vizinhança mostrando que ficou de menos um inimigo das galinhas, pelo que todas as quinteiras e mais donas de casa não faltam a pagar em ovos a usual contribuição ao caçador. — Não usámos porem fazer as estrondosas caçadas em grande escala, como é pratica em Inglaterra, onde a monteria ás raposas é funcção de senhores opulentos, com grande aparato e concurso de gente, e de cavallos e cães, a ponto de degenerar em ostentação e fausto: é verdade que nós temos cá outra monteação mais ardua e perigosa, até determinada por leis; e vem a ser a dos lobos, de que a Graã-Bretanha ha muito tempo se acha desaffrontada.

A raposa é com razão chamada industriosa. Estabelece de ordinario domicilio na beira das mattas e proximidade de habitações humanas. Se consegue introduzir-se no pateo d'uma granja degola toda a criação de penna, carrega com parte dos despojos e corre a guarda-los a alguma distancia, depois volta á carga e transporta outra quantidade mas com a precaução de mudar o sitio do deposito: repete por vezes a mesma lida; e se a occasião lhe for favoravel não deixará uma só cabeça; o romper da alva adverte-a de que os creados acordam e já é tempo de se pôr em salvo. — Se encontra passaros tomados em laço, solta-os destramente, leva-os ao covil onde os guarda por dias; e em suas extensas correrias e passeios [que os dá longos] já-mais lhe esquece esta reserva de víveres. — É curiosa descubridora de ninhos d'aves, porque faz dos ovos seu manjar, e tambem attaca as que acha no chôco; sendo este mais um dos muitos modos porque se applica á destruição da caça. E tão comilona que tudo lhe faz conta; e em apuro de fome não despreza ratos, sapos, reptis e até insectos: tem-se observado que as que vivem junto a praias sustentam-se de toda a casta de marisco, que habilmente descascam. Ha bom numero d'exemplos de assaltar os colmeas, e não obstante as picadas das abelhas, envolvendo-se em terra, e rojando pelo chão, tantas vezes investe, abala e derruba os corliços que as obriga a largarem os favos.

A raposa só procrea uma vez no anno, e de cada ninhada de raro tem mais de quatro ou cinco cachorros — desvela-se muito pela prole. Ao menor indicio ou suspeita de que o seu escondrijo fôra descoberto em quanto andava ausente, toma na

boca os filhos um apoz outro, como costumam as gatas, e vai demandar covil que lhe offereça mais segurança.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

IV.

Esculptura.

Ne désespère jamais des hommes
..... La pensée d'Ahirman
passe sur la création comme une
ombre fugitive, comme un nuage
qui emporte la tempête.

.....
Il descend, il est vrai : mais sa-
vez-vous s'il existe d'autre route
pour arriver au bût qui lui est
assigné? Maintenant il se traîne
sur un sol fangeux : bientôt il re-
montera la pente, et, purifié dans
une eau limpide, il s'avancera
sur l'herbe en fleur vers le som-
met du mont.

Lamenais. Amschaspands et
Darvands.

As BELLAS-ARTES são um dos poucos elementos que constituem a civilização dos povos: estudar, qual seja a influencia deste elemento na organização social da epocha em que vivemos, é uma das mais difficéis e importantes questões que se póde ventilar; e apesar da sua vastidão, e do muito estudo que exige, não póde deixar de ser considerada em um escripto que trate de appresentar, ainda que imperfeitamente, uma idéa geral do estado em que as bellas-artes estão em um paiz.

Em toda a Europa as exposições servem de mostrar se a arte é estudada com proveito, e se revela um grande progresso intellectual, ou se estacionaria manifesta symptomas de um movimento retrogrado, ou finalmente se a sua decadencia denuncia o desamor ao estudo e á meditação: por consequencia quando se falla de uma dessas exposições é possível, e muitas vezes indispensavel, o examinar qual é o valor com que esta manifestação da intellectualidade entra no grande calculo de que deve resultar a formula do futuro, que muitas vezes é mais um problema do que um mysterio: e reconhecer qual é a força com que se exerce o pensamento de um povo, e até que ponto chegam os resultados do seu raciocinio; uma exposição considerada deste modo examina mais o pensamento do que a forma, depende mais da rasão que dos sentidos, e applicando a analyse ao pensamento, não o deve estudar só em um aspecto, tenta descobrir a serie de factos de que esse pensamento depende, e recorrendo a historia encontra as verdadeiras origens do progresso ou decadencia da arte, e examinando rapidamente o estado da epocha em que essa exposição tem lugar, faz uma justa apreciação das produções artisticas relativa ás circumstancias que impedem ou auxiliam o desenvolvimento da intelligencia, de modo que a opinião que a crítica deve formar de qualquer objecto d'arte é sempre relativa; hoje, e mormente em Portugal, não póde ser absoluta. (*)

(*) O plano que appresentamos era o que tencionavamos adoptar para os artigos que de ha muito tencionavamos escrever ácerca da Exposição da Academia das Bellas-Ar-

Em geral ha uma opinião, quanto a nós sem fundamento, a qual considera as bellas-artes como uma forma do pensamento perdida por entre as ruinas do imperio romano, achada pelo genio da idade media, e morta no seculo 18.^o: seria talvez este o lugar proprio de examinar os tres pontos em que a questão se divide; mas consideremos a consequencia que resulta de conceder a exactidão da affirmativa, e provando que esta consequencia não póde existir, fica demonstrada a convicção em que estamos de que ha um progresso nas bellas-artes se as considerarmos em relação ao aspecto social deste seculo; e que este progresso no futuro será muito mais rapido e evidente.

Da adopção da opinião exposta resulta que o bello ideal deixaria de ser uma das mais sublimes faculdades da alma, e que se não manifestaria por nenhum modo: o raciocinio é quasi desnecessario para reconhecer o absurdo desta conclusão.

A humanidade tem um symbolo eterno: a intelligencia, as revoluções politicas, e as transformações moraes não o podem destruir; umas dependem da conveniencia, as outras da opinião: mas nem a vontade nem o pensamento podem apagar essa intelligencia, imagem do omnipotente poder de Deus, e gravada no mundo desde que surgiu do cahos, e que alem de ser uma recordação da sua origem, é o elemento necessario da sua existencia.

Que seria hoje a civilização se este symbolo não fosse eterno? Os barbaros, que transformaram o Oriente em um imperio de ruinas, seriam os senhores do mundo, mas de um mundo barbaro, e quando espedaçaram a corôa de gloria, que por sete seculos ornou a frente da rainha do mundo, haveriam arremeçado para o sepulchro do esquecimento não só as recordações que resumiam o passado de toda uma civilização, mas tambem as esperanças que no futuro deviam constituir outra bem differente. A força póde esmagar e destruir a forma; o pensamento nem o póde ferir.

Quando a torrente devastadora dos barbaros afogou a sociedade antiga em um oceano de chammas, já no regaço da pobreza havia nascido o Redemptor do mundo, o depositario do poder de Deus, e o conservador e propagador da intelligencia humana.

A doutrina, que era uma consequencia da intelligencia do passado, e origem da futura civilização, desenvolveu-se entre a barbaridade do mesmo modo que se havia desenvolvido pura e santa entre a corrupção e decadencia de Roma. Os christãos oravam nas catacumbas, expiravam nos amphitheatros; mas a oração do justo e o sangue do martyr fecundavam o germen do futuro que os seculos uão tem completado. As paginas do Evangelho começavam a apparecer radiosas de gloria, como manifestação da intelligencia e como origem do progresso do pensamento; e assim que no seculo 8.^o a espa-

tes: não o seguiremos completamente porque alem de outros estudos nos levarem todo o tempo que consagravamos a este assumpto, tanto da nossa paixão; soubemos que o Sr. Almeida Garrett se havia resolvido a honrar a recente exposição com a manifestação da opinião que havia formado dos differentes primores d'arte que a enriqueceram: quando recebemos esta boa nova já os nossos tres primeiros artigos estavam escriptos, e o primeiro e parte do segundo já impresso; motivo este porque tributando o devido elogio ao merito de tão grande escriptor, e pedindo venia ao seu extraordinario talento, esperámos que o Sr. Garrett nos perdoe o nosso arrojo, e nos desculpe os erros que o nosso pouco saber e inexperiencia hão de commetter; com anciedade esperámos o seu valioso escripto.

pada de Carlos Magno suspendeu essa impetuosa torrente de devastação que havia submergido a civilização antiga, viu-se que a humanidade não tinha perdido o symbolo entre as completas ruínas do passado, e que só esse symbolo havia sobrevivido ás obras de tantas gerações! O seculo 12.º mostra com mais evidencia esta verdade: o movimento da intelligencia é já a obra regenerada de quatro seculos, o espirito humano eleva-se até ao extasi, e no seculo 16.º desce até a analyse; mas sempre progride: fundava a crença na fé, e quando a quiz fundamentar na razão, reconheceu a necessidade da fé. O seculo 17.º discute o que o seculo 16.º havia pertendido analysar: a discussão como a analyse não pôde separar-se da fé; o progresso da intelligencia continúa; pois que reconhecer a necessidade e o valor de um bem, pelo não poder dispensar, requer um maior esforço da intellectualidade do que possuir esse bem sem se haver intimamente convencido da sua existencia incondicional e absoluta. O seculo 18.º negou o que dois seculos haviam tentado analysar e discutir; e neste ponto ainda se manifesta a força progressiva da intelligencia; negava-se porque se reconhecia que já não era possível analysar nem discutir; a idéa era crente, a sensação era sceptica; mas a crença que a verdade humana encobria devia de ser bem robusta para resistir a esta ultima pertença do orgulho, como já havia resistido a outras: a epocha em que vivemos já não tem força para negar a verdade; a evidencia ainda é maior; não se pôde ser sceptico, não se quer ser crente, e por consequencia domina a indifferença; mas o symbolo é eterno—a intelligencia, que se revela na fé como esta na esperança, existe e sem que a analyse, a discussão e o scepticismo a combatam nem a tenham destruido: depois de triumphar da barbaridade, foi origem da civilização moderna, e hoje resiste á vaidade dos homens como já resistiu á sua rudeza. A indifferença, apesar de ser a prova mais custosa, é a ultima por que a fé tem de passar; mas a crença vem depois; o futuro hade ser crente; cada anno que passa mais nos approxima dessa epocha; a intelligencia progride em quanto o tempo vò. O symbolo, como dissemos, é eterno, o bello ideal é a sua manifestação, e sendo errada a consequencia, os tres principios de que havia sido deduzida são absurdos. O que deixámos dito justifica a opinião que appresentámos ácerca da architectura, e a que formámos da esculptura, e em geral das bellas-artes; mas como a esculptura é a manifestação do pensamento que julgam ser o maior argumento para demonstrar esses principios que vimos serem errados, foi esta a razão porque para este artigo reservámos o appresentar no pouco que deixámos escripto, o que pensámos ácerca de tão contestado assumpto, e que por certo é materia bem merecedora de maior estudo.

Ha 20 annos que Portugal soffre quantos padecimentos podem nascer do desenvolvimento e do combate das paixões, e todos estes padecimentos influem nas differentes expressões do pensamento, e muitas vezes o tem conservado estacionario, já que o não podiam fazer retrogradar. O soffrimento tem sido, como sempre foi, uma necessidade, e quando é causado pelos esforços da intelligencia, que deseja a liberdade, o soffrer chega a ser um bem. Em quanto gradualmente temos caminhado para a nova organização social, o pensamento, atormentado pelos desejos de um futuro esperado de ha muito, não tem podido entregar-se á contemplação do bello, e

ás inspirações do sublime, e apenas algum genio extraordinario apparece no centro das tempestades politicas, como estrella que tremula e solitaria a custo se percebe por entre o negro e roto manto da tormenta. Quando passarem outros 20 annos Portugal não reccará que o julguem sem que attendam a nenhuma circumstancia especial. A situação falsa de que fallámos, e na qual a nossa patria tem estado, nenhum progresso pôde causar nas bellas-artes. A architectura reduz-se a construir sem gosto algumas moradas de casas apinhadas umas sobre as outras, mais proprias para prisões do seculo 17.º do que para habitações: a pintura limita-se ao retrato; a vontade de algum senhor ignorante, ou de burguez presumpçoso pertende guiar a mão do artista. E a esculptura nem sequer lembra; ainda bem; é uma profanação de menos: felizmente o estado das bellas-artes vai começando a ser muito mais lisongeiro, e ainda que não seja tanto como era de esperar, algumas construcções recentes denotam bastante sympathia pelo bom gosto, e a pintura por mais de um modo appresenta bastantes indicios de tomar uma nova direcção; mas a esculptura parece esquecida; ou antes é lembrada para ser ridicularisada, infamada: blasphemia! nem sequer um nome que ainda hoje echôa em todos os angulos da Europa, que admira e guarda os resultados do genio mais fecundo que as artes tem possuido; nem o nome de Canova pode salvar-te, idolo da Grécia, monumento de Roma, imagem da idade media, mysterio moderno! Que dizemos? nem a memoria de um dos maiores artistas que tem honrado Portugal, nem essa lembrança eterna e sem rival, que tão vasto e profundo genio deixou na mais formosa praça de Lisboa, evitou que a esculptura sirva em Portugal de monumento de ridiculo em lugar de monumento de gloria. As obras e o nome de Machado de Castro foram esquecidas: choremos este esquecimento como o choram por certo os dignos artistas que como desterrados do mundo no frigido claustro de S. Francisco honram o nome portuguez. De todas quantas vantagens resultaram da recente exposição, a mais real, e que de mais utilidade foi para a honra nacional, dependeu dos distinctos esculptores, que mostraram que ainda em Portugal havia mãos de artistas dignos do cinzel profanado. Quem quizer julgar o que hoje é a esculptura em Portugal e o que pôde ser, dirija-se á Academia das Bellas-Artes, e não procure em logar publico a arte, que só em publico deve ser admirada. Onde é que a esculptura se appresenta ao publico, e de que modo? Appresenta-se no cemiterio, e vereis como.

(Continúa este artigo em o numero seguinte).

S. J. Ribeiro de Sá.

NOTICIAS HISTORICAS ÁCERCA DO COMMERCIO PORTUGUEZ.

2.º

O COMMERCIO vive e cresce com a paz: tal se viu nos reinados anteriores a elrei D. Fernando. Plan-tado por elrei D. Affonso 3.º e seu filho o inclito D. Diniz, consolidou-se no reinado pacifico e justo d'elrei D. Pedro, e prosperou no de seu successor elrei D. Fernando, em quanto a inconstancia de seu genio e a versatilidade de sua má politica o não metteram e ao seu povo nos trabalhos e calamidades de uma guerra infeliz. Assim, Fernão Lopes, quasi

testemunha destes infortunios, depois de escrever que elrei D. Fernando começára a reinar o mais rico soberano que em Portugal houve até o seu tempo, diz n'outra parte: = desfalleceu isto quando começou a guerra: e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro, passados os folgados annos; e vieram depois dobradas tristezas, com que muito choraram suas desventuradas mesquinbidades. = Os desperdicios deste monarcha esgotaram em breve os grandes thesouros de moeda que lhe deixou seu pai; para captar e contentar os estrangeiros a seu soldo opprimiu os seus naturaes; as nossas armadas, até então vencedoras, foram batidas e tomadas na infelicissima batalha de Saltes, em que ficou prisioneiro o almirante, conde de Barcellos, D. João Affonso Tello; e a poderosa e rica Lisboa foi saqueada e queimada na parte exterior a seus muros, onde estavam os armazens e lojas do commercio. Quando virdes uma nação maritima perder suas esquadras e deixar ferir o coração de seus estados, não lhe procureis pelo commercio, que deperece e morre quando acabam suas forças navegadoras e sua reputação moral. Ainda bem que a insania deste reinado durou poucos annos; e depois della se seguiu, por meio da mais arrojada de todas as revoluções, o mais sensato e brilhante regimen, de que ha exemplo nas Historias: da mesma sorte que uma borrasca que enluta o ar e ameaça destruir tudo com damnos e ruinas, purificando a atmosphera, e fertilizando a terra, prepara o germen de copiosa e abundante colheita.

Terceira epocha.

Os portuguezes ameaçados no mais delicado de seu brioso pundonor, a perda daquella mesma independencia ganhada por meritos e triumphos, e sustentada com tanto trabalho e tanta gloria, levantaram-se e pozeram-se ao nivel dos grandes espiritos, e afouteza do seu defensor, e regedor o grande mestre d'Aviz. Todas as forças do reino [isto é, as forças nacionaes, que neste numero não contámos os fidalgos sequazes do estrangeiro, *enxertos tortos nados d'azambugeiro*, como lhes chama o chronista já citado], todas as forças, dizemos, se converteram em magnanimo impulso e dedicação para libertar o reino do jugo castelhano; e o bemaventurado mestre, D. João 1.º, depois tão bem, tão discretamente soube aproveitar aquella generosa disposição, que durante ainda o calor da lucta, poucos annos apenas decorridos, mandava suas armadas conduzir de Inglaterra a Galiza o duque de Lencastre com todo o seu exercito expedicionario. A senhora hoje dos mares, a orgulhosa Albion, pedia então emprestadas a Portugal suas frotas e seus marinheiros! (*)

Rebatido e castigado o leão hespanhol, pediu treguas, que desde o anno 1403 se foram renovando e protrahindo até á paz definitiva.

Poude então o vigilante soberano voltar-se todo para o melhoramento interno do paiz. Voltaram ao Tejo os mercadores italianos e levantins, afugentados antes pela guerra, e o commercio ergueu de novo a cabeça. Para o norte enviou negociadores, (:) e a Flandres sua filha a infanta D. Isabel, casada com Filippe o bom, principe poderoso e ri-

(*) = O duque de Lencastre, diz João Froissart, pediu aos embaixadores portuguezes, mestre de Santiago e Fogaça, que lhe enviassem 7 galeras e 18 náus [*gros vaisseaux*] para transportar as tropas inglezas; e com effeito lhes foram.

(:) O mesmo chronista francez, citado na nota ante-

co, dominador do mais florente imperio commercial da meia idade. Uma das consequencias felizes desta alliança foram as relações commerciaes entabuladas então entre as duas potencias. Nossos generos do superfluo, vinho, sal, fructas, alguns cereaes eram trocados pelos pannos d'arraz, pelas cutelarias e tecidos de Liege, de Bruges e de Gand, pelas rendas e musselinas de Malines e Anvers, assim como pelas sêdas e veludos do Levante, e damascos da Italia.

Seguiu-se o turbulento e malaventurado governo d'elrei D. Affonso 5.º [porque o de seu pai, o virtuoso D. Duarte, só durou para deixar magua e saudade]; e o commercio parou na sua marcha ascendente. Conservou-se, é verdade, a grande eschola maritima do infante D. Henrique; as frotas portuguezas ainda dominavam os mares; as cruces da milicia de Christo haviam-se plantado em Ceuta, na costa de Guiné, e nas ilhas do oceano, da mesma sorte que uma poderosa armada, commandada por D. Garcia de Menezes, sulcava os mares da Italia, offerecida ao papa para debelar o turco; mas o reino esgotava-se nas guerras e nas conquistas, de que então apenas vinham as primeiras amostras do ouro e do marfim. Ruy de Pina nos deixou testemunho do fraquissimo rendimento do commercio da costa de Mina para a corôa, arrendado então a um só negociante de Lisboa por modica quantia.

Subiu ao throno o mestre dos reis, o principe perfeito, e tudo mudou de face. Levantou fortalezas que assegurassem a posse portugueza, estabeleceu feitorias em Guiné, adiantou os descobrimentos muito alem do Congo, cujo rei negro fez christão; deu regulamentos maritimos e coloniaes, afugentou as potencias rivaes, e por tal arte soube dirigir as cousas, que quando os conjurados do duque de Viseu, D. Diogo, queriam deprimir a pessoa de D. João, e fazer proselytos na nobreza, appellidavam-o = esse máu rei das mercadorias. =

Escusado é fallar com individuação do incremento commercial do tempo d'elrei D. Manuel e primeiros annos do reinado seguinte. Então era Lisboa o grande mercado da Europa; assim como na India e em toda a costa d'Africa ninguem commerciava sem licença nossa. Entretanto este genero de negocio nada se parecia com o commercio livre actual: era a corôa o grande commerciante, e della descendia para o mercado. As frotas do rei traziam as mercadorias do oriente, e as vendiam na grande feira de Lisboa a nacionaes e estrangeiros. Similhante theoria, fundada no monopolio, fazia sim o estado rico de numerario, mas o solo ficava no mesmo caso, sem base mercantil. Quando o monopolio recuou, conheceu-se o fraco.

Dissemos que o incremento immenso que tivera nosso commercio no tempo das conquistas era fructo do monopolio, e que cessando este cahia por terra aquella aparente prosperidade. Poucas reflexões bastam para perceber esta natural consequencia. A corôa é sempre mau commerciante: a precissão e o momento das especulações, a economia dos *detalhes*, a fidelidade de seus administradores e propostos distantes da vigilancia, e mil outras peque-

cedente, refere como estando em Bruges tivera noticia que uns cavalleiros portuguezes haviam portado a Midlessex, na ilha d'Walkerin, e sôra ter com elles para se informar da batalha d'Aljubarrota, e dellés soube que iam ao Baltico, o que não podia ter por objecto senão negociações commerciaes: ia entre elles João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves.

nas circumstancias escapam sempre á acção do governo: este, carregado com todos os gastos e custo das negociações, precisa tirar um lucro desmesurado para cobrir o desperdicio das despesas. A este inconveniente segue-se o outro muito mais transcendente, e é que este genero de negocio corre como enxurrada que se escôa, não fertilisa o solo, antes o deslava. Algum numerario ficaria no reino em troco dessas drogas e mercadorias do oriente, mas como não era assentado sobre uma base segura de producção e rotação contínua de trocas, em breve esvaecia-se. A corôa só era o grande negociador, os particulares eram espectadores, e a estes sómente chegava alguma lambugem das vendas em *detalhe*.

Com o andar dos tempos aconteceu que a corôa havendo despendido muito, achou-se alcançada e foi-se retrahindo: começou então de facultar licenças a especuladores particulares; mas ainda isto era monopolio, e pouco aproveitava. Ainda outro mal veio accrescentar o erro do principio; foi o ir-se abastardando e perdendo aquelle espirito antigo de generosa e desinteressada cavalleria dos fidalgos portuguezes. Costumados estes a serem corregedores e feitores dos reis, fizeram-se pouco e pouco mercadores, e quizeram commerciar tambem, facto de que não podemos duvidar, porque ahí anda consignado nos escriptos de homens coevos, João de Barros e Diogo do Couto; e esta inversão de profissões contribuiu não pouco para as desgraças supervenientes a nossas conquistas.

Os chronistas nos attestaram igualmente esta mudança descendente da prosperidade anterior, supposto que não atingissem o ponto, nem profundassem até á origem do mal. No seu tempo eram mal conhecidos os grandes principios da economia politica; só muito mais tarde se conheceu que nenhum paiz é rico senão de *productos*, e que estes não são seguros se não são *productos* proprios, implantados no solo.

(Continuar-se-ha).
J. da C. N. C.

ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO
MINISTRO D'ESTADO.

Da verdadeira, e da falsa gloria.

SEGUNDO o nosso costume continuaremos a promover, como nos é possível, a boa educação da mocidade, havendo por conveniente começar sempre por definir, ou determinar o valor das expressões, ou das phrases, de que se usa.

A palavra *gloria* no sentido mais geral, quer dizer, honra, estima, fama, ou renome, que se consegue, ou se pertende por algum merecimento ou feito extraordinario.

Ha diversos generos de gloria, segundo os objectos a que se applica o louvor, ou a fama. Assim dizemos: *dar gloria a Deus* que é prestar-lhe culto, ou fazer alguma cousa virtuosa em honra de Deus.

Tambem dizemos a gloria do seu paiz, ou do seu seculo, por exemplo: *Newton foi a gloria do seu seculo. O principe Leopoldo da Toscana foi a gloria da Italia.*

A *gloria militar* consiste em vencer, e pugnar com distincção extraordinaria, levar longe o seu nome, e a fama das suas armas.

Chamâmos *gloria verdadeira* ou real, a que con-

siste em *fazer bem aos homens vencendo obstaculos por meios justos.*

É vã a gloria que resulta de uma cousa inutil.

Tambem se dá o nome de *vangloria* ao sentimento, ou conceito excessivamente bom, que por vaidade, philancia, ou falso juizo, cada um faz de si, ou dos outros. Neste sentido diz-se: — *A vangloria deprava e corrompe as melhores acções.*

Falsa gloria é uma errada opinião ácerca da honra, ou uma ambição mal entendida. Neste sentido diz-se: — *O amor das conquistas não produz senão uma falsa gloria.*

Tambem se diz: — *O verdadeiro heroismo é fazer o bem alheio.*

Confundem-se porem geralmente estas ideas, e toma-se por verdadeira a falsa gloria. Assim, um dos grandes defeitos da educação vulgar, é induzir em erro a mocidade inspirando-lhe admiração e entusiasmo pela vã ou falsa gloria, cujas brilhantes e especiosas exterioridades, as mais das vezes, encobrem barbaridades e injustiças, em quanto ficam sem a devida consideração os sentimentos, principios, e factos, que constituem a solida grandeza, e a verdadeira gloria.

Não são os Alexandres, os Brutos, os Scévolas, os modelos dignos de se offerecerem á mocidade. Deixemos dormir em seus tumulos esses fanaticos e famosos guerreiros, que assaz de ruido e transtôrno causaram no mundo; e cujos altares e trophéus foram levantados á custa de lagrimas e de sangue, á custa do repouso e do bem-estar da humanidade. Deixemos que o tempo e a razão façam cabir esse prestigio, illusão ou vangloria, que coroou os heroes d'ambição, d'avareza, do egoismo, e da vaidade.

Offereçamos antes á nova geração para modelos esses homens preciosos e raros, que em vez de matar e destruir, souberam edificar com o seu exemplo e doutrina; e com seus talentos uteis, e suas virtudes pacificas, semearam alguns beneficios ao passar pela carreira da vida.

A probidade moral tem muita necessidade de culto. Hoje um homem que consagre a sua vida a pagar as dividas de um pai fallido, é exemplo muito mais raro do que um guerreiro, que affronte impavido os perigos de um campo de batalha. Por demasiado tempo a *gloria militar* reinou no mundo com sceptro de ferro. É tempo de demolir um templo levantado sobre titulos vãos e bases phantasticas, e de substituir-lhe outro mais puro e solido, consagrado á virtude, á probidade moral, e á verdadeira honra civica, unicas bases permanentes da felicidade publica e particular.

Recommendemos pois aos nossos filhos os irrecusaveis exemplos de amor de justiça, de probidade, de patriotismo, de abnegação, e de desinteresse, que na historia antiga e pagaã nos deixaram os Confucios, os Aristides, os Socrates, os Fabricios e os Régulos; — depois da vinda de Jesus Christo os heroes do christianismo; — e na historia moderna, ou na contemporanea, os Washingtons, e esses varões poucos, e escolhidos, que sabem distinguir a verdadeira da falsa gloria, merecer aquella, e desprezar esta. — *Filippe Ferreira d'Araujo e Castro.*

Pag. 28, col. 1.^a, lin. 25 — Dominichini — *léa-se* — Dominiquino. — Pag. 31, 1.^a col., lin. 31 — no cimo de uma montanha, na floresta de Teutoburg — *léa-se* — no cimo de uma columna na floresta de Teutoburg.